

Coworking: ambiente compartilhado, inovação e ferramenta colaborativa

Ekaterina Emmanuil Inglesis BARCELLOS ¹
Galdenoro BOTURA JR ²

INTRODUÇÃO

Desde o princípio dos tempos a ocupação dos espaços pelo homem foi motivada por necessidades essencialmente imediatas. Os ambientes destinados à moradia, convivência social, produção e as diversas atividades do trabalho se configuraram e se modificaram por meio de adaptações em conformidade com a evolução da sociedade em seus anseios por subsistência básica, material e emocional. O amoldamento destes habitats foi impactado pelo constante aperfeiçoamento de processos e técnicas pautados pela inovação, onde produtos e serviços igualmente evoluíram ao longo dos séculos impulsionados pelo pensamento criativo, no intento de melhorar, solucionar, criar, inventar ou inovar, como uma forma de planejar o futuro (NELSON; STOLTERMAN, 2012).

¹ Doutoranda, PPG-Design(Unesp), ekaterina@faac.unesp.br

² Livre Docente, PPG Design (Unesp), galdenoro@gmail.com

Moraes (2016), cita os conceitos de Bauman (2002), quando compara o mundo passado, fundamentalmente sólido com relação ao planejamento de vida linear e fixo, que evoluiu para um mundo complexo e fluído. Até o final do século XX, projetos e planos pessoais e profissionais tinham a duração de médio a longo prazo, ou seja, "(...) existiam 'containers disciplinares seguros' nos quais qualquer um poderia se posicionar sentindo-se bem definido em sua identidade profissional (e, conseqüentemente, no sentido amplo, também na esfera pessoal) " (BERTOLA; MAZINI, 2004, apud MORAES, 2016). Atualmente, vivemos em um universo fluidificado que não possibilita ações permanentes (BAUMAN, 2002). No contexto descrito, a conformação dos ambientes de trabalho e de produção muito se alterou por inúmeras questões como: custo, produtividade, logística, permanência, facilidades e a importância do networking. Portanto, o desafio atual para designers, produtores e profissionais de áreas projetuais que lidam com tendências futuras, é o de trabalhar em cenários cada vez mais complexos e mutantes, marcados por fluidez e dinamismo (MORAES, 2016). Neste sentido, a atuação transversal do design é essencial, na tentativa de decodificar esta complexidade, identificando tendências, interpretando e caracterizando os produtos, os serviços e as experiências da contemporaneidade. (MORAES, 2016, KRUCKEN, 2016).

Em relação à intersecção entre produção e ambiente produtivo, a tendência atual é o compartilhamento (CAPDEVILLA, 2014, BARRETO; FERRAZ, 2014). Esta configuração bastante comum no ambiente virtual migrou para o espaço físico, com contornos de economia colaborativa, integrando o formato denominado "*coworking*" (CAPDEVILLA, 2014). Alguns autores indicam que o *coworking* é resultado de um rearranjo social complexo do ambiente profissional (WINDEN, 2016). Trata-se de espaços organizacionais que se formaram ao longo da crise da última década, como resultado da demanda de profissionais independentes e autônomos por romper o isolamento e formatar um ambiente de convívio que favorecesse reuniões e que fomentasse a colaboração e a interação (MORISSET, 2013, WINDEN, 2016). O espaço compartilhado reúne profissionais de atuações distintas, possibilitando a interação de ideias, projetos e ações de uma forma mais holística, em redes de colaboração que criam um ecossistema próprio de sustentabilidade. A estrutura de aproximação e interação cria um *Brainstorm* natural, decorrente da troca entre os atores distintos envolvidos na interação, gerando resultados criativos e alcançando a inovação com maior agilidade (CAPDEVILLA, 2014). A conformação de interação e com-

partilhamento é perceptível além da configuração física e do campo virtual. A presença efetiva e a aproximação de campos 'ditos' opostos nos espaços *coworking*, tem denotado que a transversalidade entre as áreas proporciona soluções criativas inovadoras, propiciando o avanço em espaços inicialmente tidos como esgotados em seus recursos, além de ativos reconhecidos e reconfigurações no ambiente inovador, acadêmico e empreendedor, garantindo sustentabilidade aos novos ecossistemas produtivos.

O presente artigo traz uma análise do perfil de interesse local, regional e mundial pelos espaços *coworking*, num estudo comparativo entre tipologias de ambientes compartilhados de inovação. O enfoque prioriza a configuração dos habitats de inovação de Parques Tecnológicos (Science Parks *coworking* places), instituições acadêmicas (*FabLabs*), startups e pequenas empresas nascentes (*coworking* places), apresentando o perfil de evolução mundial e nacional diante do crescente interesse em espaços compartilhados e colaborativos.

ESPAÇOS COWORKING: DEMANDA POR AMBIENTES DE INTERAÇÃO E COLABORAÇÃO

Pela conceituação de Jackson (2013), novos modelos de ambientes de inovação e espaços coletivos foram propostos e se encontram em uso. O conceito de *coworking* (ou *co-working*) foi criado em 2005 por Brad Neuberg, engenheiro de softwares que atuou na empresa Google, e no Dropbox (NEUBERG, 2016). Seu modelo híbrido derivou da ideia do designer de games Bernie de Coven, em 1999 (EXAME, 2011). A proposta apresentava um espaço de trabalho baseado na troca de experiências e no compartilhamento de áreas, ideias e recursos. Para ambos, o objetivo era onde alcançar um resultado de espaço organizacional que unisse a flexibilidade de trabalhar sozinho à possibilidade de usufruir de uma estrutura de trabalho colaborativa e e comunitária (NEUBERG, 2016). A tipificação dos espaços *coworking* como ambientes inovadores de interatividade é diversificada e envolve a dimensão didática da transversalidade e da multidisciplinaridade, englobando áreas distintas. Há uma variedade de ambientes que se destacam na categoria voltada à inovação e empreendedorismo, sendo eles definidos como:

- *Coworking places*: espaços compartilhados, em geral públicos ou privados, destinados a pequenos empreendedores e startups. Uma

análise do Censo Coworking Brasil 2016 indica que os *coworkers* e as pessoas que frequentam estes espaços atuam em: Consultoria - 65%; Design e Publicidade - 50%; Startups, Marketing, Internet - 45%; Advocacia - 38%; Negócios e vendas - 24%, Jornalismo e Educação - 20%; Artes - 13%, e, Moda, Terceiro Setor - 10% (COWORKING BRASIL, 2016);

- *Science Park* ou Parques Tecnológicos: ambientes que possuem espaços *coworking* como parte de sua missão inovadora empreendedora. A concepção de espaços integrados e compartilhados que possibilitem a transferência do conhecimento e da ciência para a aplicação prática, é uma característica comum dos Parques e de seus *coworking places*. A pesquisa-ação conduzida por Barcellos (2016) em 15 unidades de Parques no Brasil, e 1 na Colômbia, confirmou que 90% deles realmente oferecem espaços *coworking* para startups, empresas nascentes, pré-incubados e incubados. Os outros 10% estavam finalizando a construção de suas unidades;

- *FabLabs*: abreviatura de *Fabrication Laboratory (University Labs)*, laboratórios universitários de inovação convergente e colaborativa para solução de problemas e geração de inovação. Como exemplos nos EUA: The Harvard iLab, The MIT CoLab, MIT Media Lab, Stanford Impacts Labs; e no Brasil: a FIAP *coworking spaces* em parceria com Singularity University/EUA (JACKSON, 2013, CAMPOS; TEIXEIRA; SCHMITZ, 2015). A academia tem aceitado sua terceira missão como empreendedora, e, neste intento investido na criação dos *FabLabs* que comumente integram engenharia e design, como forma de inovar e criar por meio da ação prática convergente e colaborativa, na prototipagem, teste, avaliação e redesign de produtos.

O levantamento do interesse despertado pelos ambientes *coworking* demonstra a tendência da busca por esse modelo de espaço ao longo dos anos. Este fato é constatado por estudos anteriores (JACKSON, 2013), e por meio da análise das figuras apresentadas a seguir, que foram geradas a partir do sistema de buscas no ambiente virtual na base Google Trends, a nível mundial e a nível nacional. A análise utilizou 5 termos de pesquisa principais e suas variações. A ferramenta Google Trends informa os dados de procura por termos, pelo cruzamento de resultados recebidos por todos os servidores do Google. A busca foi realizada com os termos de pesquisa (a) *coworking*; (b) *Fablab*; (c) *Science Park*; (d) Parque Tecnológico; (e) co-working. Os índices relativos à Figura 01 referem-se à incidência de busca no período de 5 anos (entre 2011 e 2016).

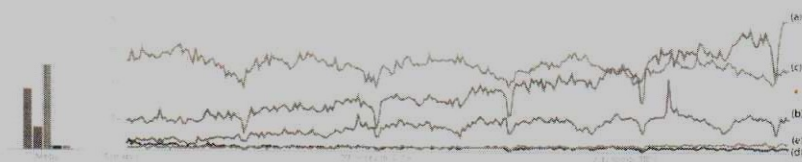


Figura 01 - Curva MUNDIAL de incidência de busca entre 2011 e 2016 (5 anos); Fonte: Google Trends, elaborado pelos autores, 2016.

Os resultados da Figura 01 demonstram o aumento de interesse que ocorreu em todo o mundo, nos últimos 5 anos, pela busca do termo (a) *coworking*, em relação à estabilidade verificada na curva correspondente à (d) Parque Tecnológico ou (c) *Science Park*. Indica, também, um menor interesse pelo termo (b) *FabLab*, levando-se em conta que é um termo do meio acadêmico, mais restrito e menos difundido.

Os índices da Figura 02, medem a busca relativa a um período de cerca de 13 anos (entre 2004 e 2016), a partir da concepção de Neuburg(2014) para o espaço *coworking*, onde identifica-se que a busca por informações a respeito de espaços (a) *coworking* se acentuou, a partir de 2008. A variação da inclinação desta curva demonstra que houve uma mudança no enfoque, que se processou no ano de 2008, quando o interesse pelo termo *coworking* passou a ser absoluto em relação aos demais. O gráfico ainda aponta o dobro de buscas (interesse) deste termo em relação à palavra (b) *FabLab* e indica a desaceleração, a nível mundial, pelo termo Parque Tecnológico e seu similar (c) *Science Park*, difundidos desde 2000. No cenário atual, a palavra *coworking* é a mais pesquisada dentre todas, com forte tendência de crescimento a curto prazo.

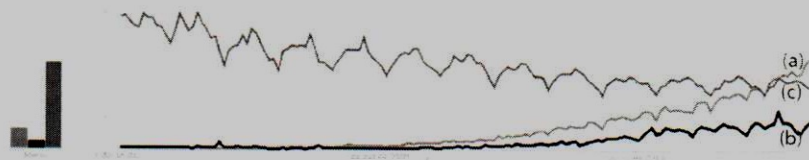


Figura 02 - Curva MUNDIAL de incidência de busca entre 2004 e 2016 (13 anos); Fonte: Google Trends, elaborado pelos autores, 2016.

A EXPANSÃO DOS ESPAÇOS COWORKING NO BRASIL E NO MUNDO

Desde 2006 foi formado um movimento mundial pela entidade GCUC-Global Coworking Unconference Conference (GCUC, 2016). Este grupo organiza e fomenta a discussão aberta, divulgando o *coworking* ao redor do mundo em conferências de espaço aberto (unconference), em inúmeros países. Segundo o GCUC, o número de ambientes *coworking* em todo o mundo perpassou os 10.000 espaços neste ano. O número foi alcançado graças ao crescente interesse dos governos e, principalmente, da iniciativa privada nesse tipo de espaço, e por explorar o segmento de *coworking* como uma alternativa de arquitetura e design de negócios, serviços e experiências (GCUC, 2016).

A Figura 03 apresenta o status atual do interesse de países e cidades pelo termo. Na análise anterior, de Kate Jackson, em 2013, o Brasil ocupava o 4º lugar. Em 2016, o país subiu para a 3ª posição mundialmente, e a região Sul (Curitiba e Porto Alegre) aparece como a região de maior interesse neste segmento.



Figura 03 - Indicação dos países e cidades que mais buscaram o termo *coworking*;

Fonte: Google Trends, elaborado pelos autores, 2016.

O país que apresenta maior destaque e fomento a ambientes compartilhados é a Espanha, com 3 de suas cidades em evidência, entre os 5 centros urbanos de maior interesse. Pelo estudo de Capdevilla (2014), Barcelona é a cidade com a maior densidade de espaços *coworking* por habitante. Esta cidade apresentava mais de 100 espaços *coworking* no ano de 2013/2014, com grande previsão de aumento nas unidades. O Brasil apresenta um interesse bastante similar ao mundial em relação à palavra *coworking*. Comparando-se as curvas de dois gráficos, da Figura 2 e da Figura 04 (a seguir), percebe-se que o traçado demonstra que o interesse da busca mundial (Figura 2) e da busca no Brasil (Figura 04), se assemelham.

A forte e constante inclinação percebida na curva do termo (a) *coworking* da Figura 04, em relação às demais, indica que a tendência acentuada de crescimento deve permanecer.

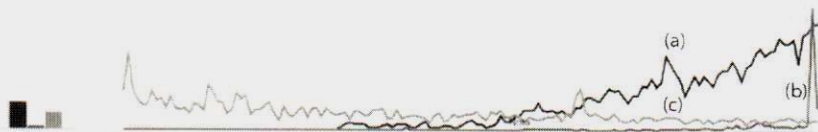


Figura 04 - Curva de incidência de busca entre 2004 e 2016 (13 anos) - no BRASIL;
Fonte: Google Trends, elaborado pelos autores, 2016.

Essa tendência de crescimento é corroborada pelo resultado apresentado pelo Censo *Coworking* Brasil, que até abril de 2016 identificou 378 espaços ativos de *coworking* no país, correspondendo a um aumento de 52% em relação ao ano de 2015 (COWORKING BRASIL, 2016). Esses espaços inicialmente se destacavam em iniciativas públicas, coletivos, instituições acadêmicas, Parques, incubadoras e Centros de inovação. No entanto, os dados do Censo brasileiro apontam um aumento da oferta deste modelo pela iniciativa privada. O número de espaços por estado, onde se percebe que o estado de São Paulo se destaca, em quantidade de ambientes ativos é de cerca de 40% do total, sendo 90 destas iniciativas localizadas em sua capital. As regiões Sudeste e Sul, juntas, respondem por cerca de 70% das unidades no país. O censo do *Coworking* Brasil 2016 lançou uma previsão de aumento para um total de 10.000 espaços até o final de 2016. Este número é muito expressivo, uma vez que praticamente se iguala ao total de iniciativas mundiais, divulgado pela GCUC até o momento. Os dados apresentados pelo Censo confirmados pelos gráficos indicam que a tendência emergente de mudança de espaços de trabalho para o modelo *coworking* encontra-se muito evidenciada.

O aumento no número de salas privadas nos espaços foi de 588% de 2015 para 2016, sendo divulgado o número de 840 salas privativas, pois ainda há relutância de empreendedores em dividir espaços de trabalho. Esta característica demonstra um aumento especulativo imobiliário neste segmento.

A análise de Jackson (2013) corrobora a Espanha e o Brasil em destaque no cenário, e apresenta a tipificação dos espaços e perfis de *coworking* confirmando o modelo *coworking place* o mais desejado como formato ideal, seguido pelo *coworking office*.

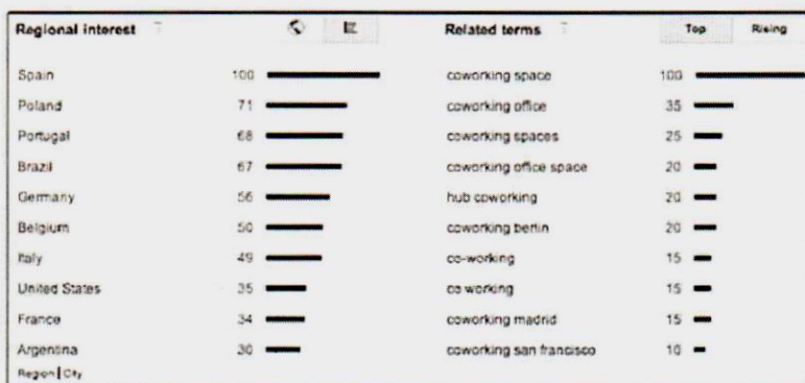


Figura 05 - Índice de busca por países e tipologias *coworking* em 2012. Fonte: Adaptado de Jackson, 2013.

Com relação aos interesses e motivação pela utilização destes ambientes, as escolhas se concentram especialmente na localização das unidades e do espaço colaborativo. Em seguida, destacam-se as soluções de produtividade, custos e networking (COWORKING BRASIL, 2016). Estes processos de projetar novos espaços e formas de trabalhar, e suas transversalidades, viabilizarão ideias inovadoras e resultarão em vantagens competitivas para gerarem resultados a curto, médio e longo prazo, com propostas mais sustentáveis e conscientes, atuando diretamente no habitat e no modo de vida que se conhece.

O COWORKING COMO ABORDAGEM E ESTRATÉGIA ACADÊMICA

Proposto como uma solução de espaço social de colaboração, o compartilhamento físico de locais de trabalho ampliou-se simultaneamente para uma vertente de ferramenta produtiva metodológica. Estabeleceu-se como um catalizador, um facilitador para a inovação, pelo fato de promover a interação e a integração de diversos segmentos e áreas, dividindo um mesmo ambiente em um sistema de trocas ágeis e benéficas. Estrin (2009) denomina essa dinâmica de ecossistema de inovação. O networking ampliado e a troca de expertise possibilitada nos ambientes de *coworking* são estratégias e elementos que podem modificar a cultura empreendedora, além de gerar melhores negócios, produtos e serviços sustentáveis e em equilíbrio com as expectativas dos usuários. Neste tipo de habitat colaborativo, comunidades de pequenas e novas empresas, *startups*

e empresas associadas e parceiras trabalham em conjunto para criar negócios e produtos novos, que se baseiam em questionamentos, paciência, confiança, abertura e risco – onde uns dependem dos outros no estímulo sustentável (ESTRIN, 2009).

A aplicação destes novos modelos implicará na realização de uma profunda análise e reflexão em relação aos atuais currículos e metodologias de ensino e pesquisa utilizados hoje pela maioria dos ambientes acadêmicos. A mudança de paradigma exigirá a aproximação de competências e expertises compartilhadas – além do espaço e trabalho compartilhado e colaborativo – e levará a academia a identificar a necessidade de formar novos perfis profissionais, compatíveis com o mercado e o ecossistema que está se configurando, além de potencializar a geração de inovação. Esse novo paradigma, voltado ao desenvolvimento profissional com capacidade empreendedora inovadora, que combina modelos existentes transversais, buscando capturar a essência da sinergia entre áreas distintas, com a execução do trabalho de forma integrada, em ambientes inovadores, compartilhados e colaborativos, somado ao aspecto humano e à tecnologia. Este aspecto consistirá em uma das maiores renovações do ambiente acadêmico, científico e empreendedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *coworking spaces* surgiram como alternativa para criação de empregos, em um cenário de insegurança que estimulou o regime de trabalho autônomo comunitário, criando um novo paradigma para a sociedade de consumo sustentável, o meio produtivo e acadêmico, e traçando um perfil coletivo colaborativo. Baseado em redes alternativas e comunidades de compartilhamento, e em características da sociedade do conhecimento e da informação, o modelo *coworking* começa a ser visto como fundamental para os usuários, negócios, produtos, serviços e iniciativas empreendedoras globais. O design e a arquitetura foram determinantes na caracterização destes espaços e atuam nos segmentos de negócios como atores e agentes de inovação.

No entanto, a academia não prepara, ainda, adequadamente profissionais para esta integração e transversalidade, como também, muitos profissionais ainda não aceitam este formato de ambiente de trabalho com naturalidade. Distorções nos modelos iniciais foram identificadas, principalmente pela oferta desenfreada de espaços num ritmo predatório e especulativo, sem caracterizar o foco de retorno para a geração de inovação. Este aspecto é imprescindível como forma

de otimizar os recursos existentes, procurando sempre proporcionar o desenvolvimento sustentável e uma melhor qualidade de vida para a sociedade. As limitações identificadas e que podem estabelecer os limites desses ambientes, quanto à sua função de agente facilitador da inovação, ocorre no sentido de atrair a colaboração necessária e a confiança dos agentes e atores envolvidos nos ambientes colaborativos. Caso isto venha a ocorrer, a proposta de caráter coletivo, colaborativo e sustentável será apenas uma nova alternativa de sobrevivência para o capitalismo predatório e a especulação imobiliária. Sua trajetória sem as bases acadêmicas fundamentais deverá ocorrer como uma onda que irá se dissipar, sendo rapidamente substituída ou abandonada, perdendo o teor de sua contribuição maior para o processo de inovação e sustentabilidade sistêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, E. E. I. **Inovação em Design: Planejamento e Estratégias para um Parque Tecnológico na Região de Bauru-SP**. 2016, 187 f. Dissertação (Mestrado em Design), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações, Universidade Estadual Paulista, 2016.

BARRETO, FERRAZ, F. T. **Revisão Bibliográfica sobre Coworking Spaces**. In: Relatórios de Pesquisa em Engenharia de Produção, v.14, n. B3, p. 24-53. Niterói: UFF/Universidade Federal Fluminense, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2ªEd. 2002. 260p.

BERTOLA, P.; MANZINI, E. **Design multiverso**. Milan: edizioni POLI.design, 2004.

CABRAL, V. WINDEN, W. V. **Coworking: An analysis of coworking strategies for interaction and innovation**. Regional Studies Association Annual Conference in Graz, 3rd – 6th April 2016. Austria, 2016. DOI: 10.13140/RG.2.1.4404.5208.

CAMPOS, J. G. C., TEIXEIRA, C. S., SCHMITZ, A. **Coworking Spaces: Conceitos, Tipologias e Características**. In: V Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação CIKI, 2015.

CAPDEVILA, I. **Different Inter-Organizational Collaboration Approaches in Coworking Spaces in Barcelona**. 2014.

COWORKING BRASIL. **Censo Coworking Brasil 2016**. Disponível em: <<https://coworkingbrasil.org/censo/>>. Acesso em 25 out.2016.

ESTRIN Judy. **Closing the innovation gap : reigniting the spark of creativity in a global Economy**. McGraw-Hill, 2009.

GCUC. **Global Coworking Unconference Conference**. Disponível em: <<http://gcuc.co/>>. Acesso em 24 out. 2016.

JACKSON, K. **Making Spaces for Others (Masters Degree at Hyper Island)**, 2013, 55f.

KRUCKEN, Lia. Competência para o Design na Sociedade contemporânea. In: KRUCKEN, L.(org). **Cadernos de Estudos Avançados em Design: transversalidade**. 2ªEd, p.13-28. Belo Horizonte: EDUEMG, 2016.

MORAES, Dijon de. Design e Complexidade. In: Moraes, D.; KRUCKEN, L.(org). **Caderno de Estudos Avançados em Design: Transversalidade**. 2ªEd, p.29-39. Belo Horizonte: EDUEMG, 2016.

MORISSET, B. **Building new places of the creative economy. The rise of coworking spaces**, 2013.

NELSON, H. G.; STOLTERMAN, E. **The Design Way: Intentional Change in an Unpredictable World**. Massachussets: MIT Press, 2012. ISBN: 0262018179 9780262018173.

NEUBERG, B. (2014) **Start of Coworking**. Coding in Paradise (depoimento criador do coworking space em seu blog pessoal). Disponível em: <<http://codinginparadise.org>> Acesso em 24 out. 2016.